

# Acordo facilitará novos créditos

**Birmingham (Inglaterra) -** A reação do mercado financeiro ao pacote de US\$ 41,5 bilhões que a comunidade internacional colocou à disposição do Brasil na semana passada foi tão favorável que as linhas de crédito comercial deverão voltar a fluir para o Brasil "rapidamente". Esta é a avaliação do diretor do Lloyds Bank no Brasil, David Thomas, que acredita que o mercado para financiamento comercial deverá retornar ao normal no início do ano que vem.

"Alguns bancos vão voltar a emprestar imediatamente, enquanto outros irão esperar a virada do ano para poder fechar 1998 com uma exposição menor aos mercados emergentes", afirmou Thomas. Isso porque, explica ele, ainda há "uma certa pressão dos analistas e dos mercados de capitais", que estão observando com bastante atenção a exposição dos bancos internacionais aos mercados emergentes. "Mas, após o ano novo o mercado

de financiamento comercial voltará ao normal", disse.

No entanto, Thomas acredita que a capacidade das empresas brasileiras de emitir bônus no exterior levará um pouco mais de tempo para ser recuperada. "A notícia de que a Petrobras está voltando ao mercado com uma emissão de bônus é um bom sinal, mas a Petrobras é um caso muito especial. Para as empresas em geral, isso ainda vai levar alguns meses".

Uma das principais razões pelas quais o mercado acolheu bem o pacote - além do volume do empréstimo, que atendeu às expectativas - foi porque os credores privados foram poupadados de ter que fazer contribuições para o pacote. "O fato de não ter havido coerção do setor financeiro privado é muito importante", disse Thomas. Ao invés de terem sido convocados a contribuir financeiramente, os banqueiros e investidores sofreram apenas

uma certa pressão política, da parte do Fundo Monetário Internacional (FMI).

O diretor do Lloyds foi um dos palestrantes - e também patrocinador - de uma conferência sobre investimentos no Brasil organizada pelo Ministério da Indústria e Comércio britânico, ontem, em Birmingham. Bastante otimista em relação à economia brasileira, Thomas afirmou que não considera mais o Brasil como um país emergente e que está confiante de que cerca de 80%, "se não mais", do pacote fiscal deverá ser aprovado pelo Congresso Nacional. "Acredito que as autoridades brasileiras estão se esforçando bastante para não surpreender ninguém e portanto não acho que vai haver mudanças na política de câmbio", disse ele. "O que nós queremos é estabilidade e progresso constante".

**MARIANA BARBOSA**

Correspondente do Jornal de Brasília

## País permanece atraente

Apesar da perspectiva de retração da economia brasileira, o País permanece bastante atraente para os empresários britânicos que vêm cada vez mais o mercado brasileiro como uma boa alternativa para a diminuição da demanda na própria Grã-Bretanha - onde a expectativa de crescimento para o ano que vem é de apenas 1,5%. Numa demonstração desse interesse, mais de 350 pequenos e médios empresários compareceram ontem a uma conferência organizada pelo Departamento da Indústria e Comércio (DTI) britânico sobre como fazer negócios com o Brasil.

A conferência foi aberta pelo ministro da Indústria e Comércio britânico, Peter Mandelson, que disse ter ficado "altamente impressionado" com o vigor e o dinamismo do País e as possibilidades existentes de negócio quando esteve no Brasil em julho último. (M.B.)